

LIÇÃO 1 - A Metafísica É a Ciência dos Princípios

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 1: 1059a 18-1060a 2

“ 899. Que a sabedoria é uma ciência dos princípios é evidente, então, a partir dos primeiros capítulos (45-143) desta obra, nos quais foram levantados problemas acerca das afirmações de outros filósofos sobre os princípios das coisas.

900. Mas alguém poderia levantar a questão se a sabedoria deve ser entendida como uma ciência ou muitas (181, 190). Pois, se é uma, então a objeção poderia ser levantada de que uma ciência sempre lida com contrários; mas os princípios não são contrários. E se não é uma, mas muitas, que tipo de ciências devem ser consideradas (190-197)?

901. Além disso, alguém poderia levantar a questão se é ofício de uma ciência ou de muitas estudar os princípios da demonstração? Pois, se é ofício de uma ciência, por que deveria ser ofício desta ciência em vez de outra? E se é ofício de muitas, que tipo de ciências devem ser admitidas como tais (198-201)?

902. Ademais, há a questão se é ofício da sabedoria lidar com todas as substâncias ou não (182)? E se não com todas, é difícil dizer com que tipo ela lida. Mas, se há uma ciência de todas as substâncias, surge o problema de como uma ciência pode lidar com muitos sujeitos (202-204).

903. Novamente, há a questão se esta ciência é uma demonstração somente das substâncias, ou também dos acidentes (184, 205-207); pois, se é uma demonstração dos acidentes, não é uma demonstração das substâncias. Mas, se há uma ciência diferente dos acidentes, qual é o caráter de cada uma, e qual das duas é a sabedoria? Pois uma ciência demonstrativa dos acidentes é sabedoria; mas aquela que lida com as coisas primárias é a ciência das substâncias.

904. Mas a ciência que buscamos não deve ser considerada como aquela que lida com as causas mencionadas na Física. Pois ela não lida com a causa final, porque tal causa é o bem, e este é encontrado na esfera dos assuntos práticos e

nas coisas que estão em movimento. E é a primeira coisa que causa movimento (pois o fim é tal natureza); mas não há um primeiro motor no reino das coisas imóveis (192).

905. E, em geral, há a questão se a ciência que agora é buscada diz respeito às substâncias sensíveis, ou se não diz respeito a estas, mas a certas outras (183). Pois, se lida com outras substâncias, deve estar preocupada ou com as Formas separadas ou com os objetos da matemática. Ora, é evidente que as Formas separadas não existem.

906. Mas, no entanto, mesmo que alguém admitisse que essas Formas separadas existem, surgiria o problema de por que a mesma coisa não deveria ser verdadeira para as outras coisas das quais há Formas, como é verdadeiro para os objetos da matemática. Quero dizer que eles situam os objetos da matemática entre as Formas e as coisas sensíveis como uma espécie de terceira classe de entidades além das Formas e das coisas que existem aqui. Mas não há um terceiro homem ou cavalo além do homem-em-si-mesmo e do cavalo-em-si-mesmo e dos homens e cavalos singulares.

907. Se, no entanto, a situação não é como eles dizem, com que tipo de coisas se deve supor que o matemático lida? Pois ele não está preocupado com as coisas que existem aqui, porque nenhuma destas é do tipo de coisas que as ciências matemáticas estudam. Nem a ciência que estamos agora buscando está preocupada com os objetos da matemática; pois nenhum deles é capaz de existir separadamente. Nem lida com substâncias sensíveis, pois estas são corruptíveis (208-219).

908. E, em geral, alguém poderia levantar a questão a qual ciência pertence considerar o problema sobre a matéria das ciências matemáticas (627). Não é ofício da filosofia da natureza, pois esta ciência está inteiramente preocupada com coisas que têm em si mesmas um princípio de repouso e de movimento. Nem é ofício da ciência que investiga a demonstração e o conhecimento científico, pois é sobre esta classe de coisas que ela faz suas investigações. Segue-se, então, que pertence à filosofia que nos propusemos investigar estas coisas.

909. E alguém poderia levantar a questão se a ciência que agora se busca deve tratar dos princípios que alguns pensadores chamam de elementos (184). Mas todos os homens supõem que estes estão presentes nas coisas compostas. E pareceria antes que a ciência que agora se busca deveria tratar dos universais, pois toda natureza inteligível e toda ciência é dos universais e não dos extremos (228), de modo que, assim, tratariam dos gêneros primários.

910. E estes seriam o ente e a unidade; pois estes, acima de tudo, poderiam ser pensados como contendo todas as coisas existentes e sendo princípios no mais

alto grau, porque são primeiros por natureza; pois, quando são destruídos, tudo o mais é destruído, já que tudo é ente e um. Mas, se alguém os supõe como gêneros, então, na medida em que é necessário que as diferenças participem deles, e nenhuma diferença participa de um gênero, pareceria que eles não devem ser considerados nem como gêneros nem como princípios.

911. Além disso, se o que é mais simples é mais princípio do que o que é menos simples, e os membros últimos resultantes da subdivisão de diferentes gêneros são mais simples do que os próprios gêneros (pois esses membros são indivisíveis, enquanto os gêneros são divididos em muitas espécies diferentes), pareceria que as espécies são princípios em maior grau do que os gêneros. Mas, como as espécies estão envolvidas na destruição de seus gêneros, os gêneros são como princípios em maior grau; pois o que envolve outra coisa em sua destruição é princípio dessa coisa (229-234). Estes e outros pontos semelhantes, então, são os que causam dificuldades.

COMENTÁRIO

2146. Como as ciências particulares ignoram certas coisas que devem ser investigadas, deve haver uma ciência universal que examine essas coisas. Ora, tais coisas parecem ser os atributos comuns que pertencem naturalmente ao ente em geral (nenhum dos quais é tratado pelas ciências particulares, pois não pertencem a uma ciência em vez de outra, mas a todas em geral) e às substâncias separadas, que estão fora do escopo de toda ciência particular. Portanto, ao nos introduzir a tal conhecimento, Aristóteles, após ter investigado esses atributos, começa a tratar particularmente das substâncias separadas, cujo conhecimento constitui o objetivo ao qual as coisas estudadas tanto nesta ciência quanto nas outras ciências são em última análise direcionadas.

Agora, para que se possa ter uma compreensão mais clara das substâncias separadas, Aristóteles primeiro (899:C 2146) faz um resumo dos pontos discutidos tanto nesta obra quanto na *Física* que são úteis para conhecer as substâncias separadas. Segundo (1055:C 2488), ele investiga as substâncias separadas em si mesmas (no meio do livro seguinte: "Já que existem").

A primeira parte é dividida em duas. Na primeira, ele resume os pontos que servem como prefácio ao estudo das substâncias. Na segunda (1023:C 2416), ele reafirma as coisas que pertencem ao estudo das substâncias (no início do livro seguinte: "O estudo aqui").

Ele prefaciou seu estudo das substâncias fazendo três coisas. Primeiro, levantou as questões dadas no Livro III, que agora reafirma sob o primeiro ponto de discussão. Segundo (924:C 2194), expressou suas opiniões sobre as coisas que pertencem ao estudo desta ciência. Estas são dadas no Livro IV e são reafirmadas aqui sob o segundo ponto de discussão ("Já que a ciência"). Terceiro (963:C 2268), extraiu suas conclusões sobre o ente imperfeito, i.e., o ente accidental, o movimento e o infinito, sobre os quais ele em parte estabeleceu a verdade nos Livros II (152:C 299) e VI (543-59:C 1171-1244) desta obra, e em parte no Livro III da *Física*; e ele dá uma reafirmação resumida destes sob o terceiro ponto de discussão ("Já que o termo ente").

A primeira parte é dividida em duas. Primeiro, ele levanta uma questão sobre o estudo desta ciência; e segundo (912:C 2173), sobre as coisas estabelecidas nesta ciência ("Além disso, há").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, pergunta de que maneira o estudo desta ciência se relaciona com os princípios e substâncias. Segundo (904:C 2156), pergunta com quais princípios e quais substâncias ela lida ("Mas a ciência").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, levanta questões sobre o estudo dos princípios desta ciência; e segundo (902:C 2152), sobre o estudo das substâncias por esta ciência ("Além disso, há a questão").

Ao tratar do primeiro ponto (899), ele faz três coisas. Primeiro, assume que as investigações desta ciência dizem respeito aos princípios. Ele diz que é evidente a partir do Livro I (45-143:C 93-272), no qual ele argumentou contra as afirmações que outros filósofos fizeram sobre os primeiros princípios das coisas, que a sabedoria é uma ciência dos princípios. Pois foi mostrado no Prólogo desta obra que a sabedoria considera as causas mais elevadas e universais, e que é a mais nobre das ciências.

2147. Mas alguém poderia (900).

Segundo, ele levanta uma questão sobre o estudo dos princípios por esta ciência que é chamada sabedoria. Ele diz que se pode perguntar se a sabedoria, que considera os princípios, deve ser uma ciência ou muitas.

2148. No entanto, se dizemos que é uma, isso parece inconsistente, porque muitas das coisas estudadas em uma ciência são contrários, já que um contrário é a base para conhecer o outro, e assim ambos os contrários parecem cair sob uma única arte. Mas, como os princípios das coisas são muitos, eles não são contrários, caso contrário não poderiam ser combinados em um sujeito. Portanto, a sabedoria, que se ocupa dos princípios, não parece ser uma ciência. E se não é uma ciência, mas muitas, é impossível afirmar quais são essas ciências.

2149. Agora, a verdade da questão é que, embora a sabedoria seja uma ciência, ela considera muitos princípios na medida em que são reduzidos a um gênero, porque os contrários caem sob uma mesma ciência, uma vez que pertencem a um mesmo gênero.

2150. Além disso, alguém poderia (901).

Em terceiro lugar, ele levanta uma questão sobre o estudo que esta ciência faz dos princípios da demonstração. Ele diz que ainda é um problema se o estudo dos princípios da demonstração (por exemplo, todo todo é maior que uma de suas partes, e coisas do gênero) pertence ao estudo de uma ou de muitas ciências. Se alguém afirma que tal estudo pertence a uma ciência, parece difícil explicar por que pertence a esta ciência em vez de a outra, já que todas as ciências fazem uso comum desses princípios. Mas se alguém afirma que pertence a muitas ciências, parece difícil indicar muitas dessas ciências.

2151. Ora, a verdade da questão é que há uma ciência que se ocupa principalmente desses princípios, e esta é a que investiga os termos comuns envolvidos nesses princípios, como ser e não

ser, todo e parte, e similares; e as outras ciências recebem tais princípios dessa ciência.

2152. Além disso, há (902).

Em seguida, ele levanta questões sobre o estudo desta ciência acerca das substâncias; e há duas delas. Primeiro, ele pergunta se esta ciência considera ou não todas as substâncias. Se alguém afirma que não, é difícil indicar quais substâncias ela considera e quais não. E se alguém afirma que ela considera todas as substâncias, permanece a questão de como uma mesma ciência pode lidar com muitas substâncias, já que cada ciência trata de uma coisa.

2153. A verdade é que, embora esta ciência trate especialmente das substâncias separadas, ela trata de todas as substâncias na medida em que todas pertencem a uma classe comum de ser essencial.

2154. Novamente, há (903).

Segundo, ele pergunta se há demonstração apenas com relação às substâncias ou também com relação aos acidentes; pois, se a demonstração, propriamente falando, dissesse respeito aos acidentes, não haveria demonstração com relação às substâncias, já que é função da demonstração inferir os acidentes essenciais das substâncias. Mas se alguém afirma que há uma ciência demonstrativa das substâncias e outra dos acidentes essenciais, permanece a questão de qual ciência é cada uma delas e se cada uma é digna do nome de sabedoria. Pois, por um lado, parece que a ciência que trata dos acidentes é sabedoria, porque a demonstração é propriamente concernente aos acidentes, e a ciência demonstrativa é a mais certa. Assim, parece que a sabedoria, que é uma ciência demonstrativa, trata dos acidentes. Mas, por outro lado, parece tratar das substâncias; pois, uma vez que as substâncias são o gênero primordial do ser, parece que a ciência que trata delas é a ciência primordial.

2155. Ora, a verdade é que a sabedoria considera tanto as substâncias quanto os acidentes na medida em que têm ser em comum, que constitui o sujeito da sabedoria; mas suas demonstrações dizem respeito principalmente às substâncias, que são o gênero primordial dos seres essenciais, e destas ela demonstra os acidentes.

2156. Mas a ciência (904).

Em seguida, ele levanta questões mais específicas sobre o estudo desta ciência. Primeiro (904:C 2156), ele pergunta sobre as substâncias que esta ciência considera; e segundo (909:C 2166), sobre os princípios que ela considera (“E alguém poderia”).

Ao tratar do primeiro ponto, ele levanta quatro questões. A primeira (904) diz respeito às causas das substâncias sensíveis. Ele diz que não parece que devamos sustentar que a ciência que buscamos se ocupa das quatro classes de causas discutidas na *Física*, porque parece tratar especialmente da causa final, que é a mais importante de todas. Mas esta ciência não parece tratar da “causa final”, ou objetivo, porque um fim ou objetivo tem a natureza do bem. Ora, o bem se relaciona com as operações e com as coisas que estão em movimento. Portanto, no caso das coisas imóveis, como os objetos da matemática, nada é demonstrado por meio da causa final. Também é evidente que o fim é o que primeiro move uma coisa, pois ele move a causa eficiente.

Mas não parece haver uma causa primeira do movimento no caso das coisas imóveis.

2157. Ora, a verdade da questão é que esta ciência considera as classes de causas mencionadas, especialmente a causa formal e a final. E, além disso, o fim, que é a causa primeira do movimento, é totalmente imóvel, como será mostrado adiante (1069:C 2526).

2158. E, em geral (905).

Segundo, ele levanta uma questão sobre o estudo das substâncias sensíveis. Ele pergunta se esta ciência se ocupa ou não das substâncias sensíveis. Pois, se trata delas, não parece diferir da filosofia da natureza. Mas, se trata de outras substâncias, é difícil afirmar quais seriam essas substâncias. Pois ela deve lidar ou com "as Formas separadas", i.e., as Ideias, que os platônicos postulavam, ou com os objetos da matemática, que alguns supunham existir como uma classe intermediária de coisas entre as Ideias e as substâncias sensíveis, por exemplo, superfícies, linhas, figuras e similares. Mas é evidente, a partir dos livros anteriores, que "Formas separadas não existem", i.e., Ideias separadas; e assim ele levanta imediatamente a questão sobre os objetos da matemática.

2159. Ora, a resposta verdadeira a esta questão é que esta ciência trata das substâncias sensíveis enquanto são substâncias, mas não enquanto são sensíveis e móveis; pois este último aspecto pertence propriamente à filosofia da natureza. Mas o estudo próprio desta ciência tem a ver com substâncias que não são Ideias nem entidades matemáticas separadas, mas sim primeiros motores, como se verá adiante (1055:C 2488).

2160. Mas, no entanto (906).

Em terceiro lugar, ele levanta uma terceira dificuldade como uma questão secundária. Pois, como dissera que evidentemente não há Formas separadas, ele coloca a questão de saber se os objetos da matemática são separados. Primeiro, mostra que não são. Pois, se alguém afirma que existem Formas separadas e entidades matemáticas separadas além das substâncias sensíveis, por que o mesmo não se aplica a todas as coisas que têm Formas, como se aplica aos objetos da matemática? De modo que, assim como os objetos da matemática são assumidos "como intermediários entre as Formas separadas e as substâncias sensíveis, como uma terceira classe de coisas além das Formas separadas e das coisas singulares que existem aqui (por exemplo, uma linha matemática além da Forma da linha e da linha perceptível), de maneira similar deveria haver um terceiro homem e um terceiro "cavalo além do homem-em-si-mesmo e do cavalo-em-si-mesmo" (i.e., o homem ideal e o cavalo ideal, que os platônicos chamavam de Ideias) e os homens e cavalos individuais. Mas os platônicos não postularam intermediários em tais casos, apenas no caso dos objetos da matemática.

2161. Se, contudo (907).

Em seguida, ele argumenta do outro lado da questão; pois, se os objetos da matemática não são separados, é difícil indicar as coisas com as quais as ciências matemáticas lidam. Pois elas não parecem lidar com coisas sensíveis enquanto tais, porque nenhuma linha e círculo como os que as ciências matemáticas investigam são encontrados nas coisas sensíveis. Parece necessário sustentar, então, que existem certas linhas e círculos separados.

2162. Ora, a verdade da questão é que os objetos da matemática não são separados das coisas sensíveis no ser, mas apenas em sua estrutura inteligível, como foi mostrado acima no Livro VI (537:C 1162) e será considerado abaixo (919:C 2185).

2163. E como ele interpôs, como questão secundária, essa dificuldade sobre a separabilidade dos objetos da matemática por ter dito que as Formas evidentemente não são separadas, quando ele diz: "Nem a ciência que buscamos agora se ocupa dos objetos da matemática", ele retorna à questão principal que foi levantada, a saber, com que tipo de substâncias esta ciência lida. E, como mostrou que ela não lida com Formas separadas (pois não há Formas separadas), mostra agora, pelo mesmo raciocínio, que ela não lida com os objetos da matemática; pois nem estes são separados no ser. E não parece lidar com substâncias sensíveis, porque estas são destrutíveis e estão em movimento.

2164. A verdadeira resposta a esta questão é a dada acima.

2165. E de modo geral, alguém poderia (908).

Em seguida, ele dá uma quarta dificuldade, perguntando a que ciência pertence "considerar os problemas sobre a matéria das ciências matemáticas", i.e., investigar as coisas com as quais as ciências matemáticas se ocupam. Isso não pertence à filosofia da natureza, porque ela está totalmente ocupada com aquelas coisas que têm em si mesmas um princípio de repouso e de movimento e são chamadas de seres naturais. Portanto, ele não examina este problema. Da mesma forma, a investigação deste problema não parece pertencer àquela ciência chamada matemática, que tem como objetivo a demonstração e o conhecimento das entidades matemáticas; pois este tipo de ciência pressupõe uma matéria ou um sujeito desse tipo, e alguma ciência investiga esse sujeito. Segue-se, então, que é tarefa desta ciência filosófica considerar as coisas de que tratam as ciências matemáticas.

2166. E alguém poderia (909).

Em seguida, ele pergunta que tipo de princípios esta ciência investiga. A respeito disso, levanta três questões. Primeiro, pergunta se esta ciência estuda os princípios que alguns pensadores chamam de elementos. Essa questão parece referir-se à suposição comum de que princípios desse tipo estão presentes, i.e., são intrínsecos ao composto, de modo que, para conhecer as coisas compostas, esses princípios devem ser conhecidos. Mas, de outro ponto de vista, parece que esta ciência se ocupa de coisas mais universais, porque toda natureza inteligível e toda ciência parece ser "de universais e não de extremos", i.e., não sobre as coisas particulares nas quais a divisão dos gêneros comuns termina. Assim, parece que esta ciência tem a ver especialmente com os primeiros gêneros.

2167. Mas a verdade é que esta ciência trata principalmente de atributos comuns, sem, contudo, tornar os fatores comuns princípios no sentido platônico. No entanto, ela considera os princípios intrínsecos das coisas — matéria e forma.

2168. E estes seriam (910).

Em segundo lugar, ele levanta o segundo problema. Pois, por um lado, parece que a unidade e o ser são princípios e gêneros, porque estes, acima de tudo, parecem conter todas as coisas dentro de seu âmbito geral. E eles parecem ser princípios porque são primeiros por natureza; pois, quando são destruídos, as outras coisas também o são; porque tudo é um ser e uno. Portanto, se o ser e a unidade são destruídos, tudo o mais é destruído, mas não o contrário.

2169. Mas, por outro lado, parece que a unidade e o ser não são gêneros e, portanto, não são princípios, se os gêneros são princípios. Pois nenhuma diferença participa atualmente de um gênero, porque a diferença é derivada da forma e o gênero, da matéria; por exemplo, racional é tomado da natureza intelectual, e animal, da natureza sensitiva. Ora, a forma não está incluída atualmente na essência da matéria, mas a matéria está em potência para a forma. E, da mesma forma, a diferença não pertence à natureza de um gênero, mas um gênero contém as diferenças potencialmente. E por essa razão uma diferença não participa de um gênero, porque, quando digo "racional", significo algo que tem razão. Nem pertence à inteligibilidade de racional que seja animal. Ora, aquilo é participado que está incluído na inteligibilidade da coisa que participa; e por isso se diz que uma diferença não participa de um gênero. Mas não pode haver diferença alguma cuja inteligibilidade não contenha unidade e ser. Logo, a unidade e o ser não podem ter diferenças. Assim, não podem ser gêneros, já que todo gênero tem diferenças.

2170. Ora, a verdade da questão é que a unidade e o ser não são gêneros, mas são comuns a todas as coisas analogicamente.

2171. Em seguida, se o quê (911).

Então ele levanta a terceira questão. O problema agora é se os gêneros são princípios em maior grau do que as espécies. Primeiro, ele mostra que as espécies são princípios em maior grau do que os gêneros; pois o que é mais simples é princípio em maior grau. Mas as espécies parecem ser mais simples, pois são as coisas indivisíveis nas quais a divisão formal de um gênero termina. Mas os gêneros são divididos em muitas espécies diferentes e, portanto, as espécies parecem ser princípios em maior grau do que os gêneros. No entanto, tendo em vista que os gêneros constituem as espécies, e não vice-versa, os gêneros parecem ser princípios em maior grau; pois a estrutura inteligível de um princípio é tal que, quando ele é destruído, as outras coisas são destruídas.

2172. Ora, a verdade é que os universais são princípios, a saber, de conhecimento; e assim os gêneros são princípios em maior grau porque são mais simples. A razão pela qual eles são divididos em mais membros do que as espécies é que eles contêm mais membros potencialmente. Mas as espécies contêm muitos membros atualmente. Logo, elas são divisíveis em maior grau pelo método de dissolver um composto em seus constituintes simples.